

Detrás da palabra,
poesia da madurez de José Alberte Corral Iglésias

Joel R. Gômez

Formas de citación recomendadas

1 | Por referencia a esta publicación electrónica*

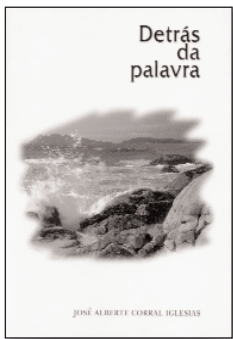
GÓMEZ, JOEL R. (2011 [2004]). “*Detrás da palabra*, poesía da madurez de José Alberte Corral Iglésias”. *Agália*: 77-78, 242-244. Reedición en *poesiagalega.org*. *Arquivo de poéticas contemporáneas na cultura*. <<http://www.poesiagalega.org/arquivo/ficha/f/213>>.

2 | Por referencia á publicación orixinal

GÓMEZ, JOEL R. (2004). “*Detrás da palabra*, poesía da madurez de José Alberte Corral Iglésias”. *Agália*: 77-78, 242-244.

* Edición dispoñíbel desde o 25 de xaneiro de 2011 a partir dalgunha das tres vías seguintes: 1) arquivo facilitado polo autor/a ou editor/a, 2) documento existente en repositorios institucionais de acceso público, 3) copia dixitalizada polo equipo de *poesiagalega.org* coas autorizacións pertinentes cando así o demanda a lexislación sobre dereitos de autor. En relación coa primeira alternativa, podería haber diferenzas, xurdidas xa durante o proceso de edición orixinal, entre este texto en pdf e o realmente publicado no seu día. O GAAP e o equipo do proxecto agradecen a colaboración de autores e editores.

DETRÁS DA PALAVRA, POESIA DA MADUREZA DE JOSÉ ALBERTE CORRAL IGLÉSÍAS



Nas primeiras páginas deste volume encontramos formulações como “Nom sabem os oncólogos que som um suicida” (p. 15), “a loucura engatilha-se na minha mente” (p. 17), “a noite do nosso desterro” (p. 18), “na minha soidade” (p. 19), “epitáfio de umha tumba esquecida” (p. 20), “vou perdido” (p. 21), “Quisera ser um velho sepultureiro/ que sabe da morte como ofício” (p. 22), “Vivo coutado na palavra dos cadáveres” (p. 24), “é o home vencido” (p.26), por indicar alguns exemplos que nos colocam perante um produtor com um discurso próprio, bem diferenciado no panorama do campo literário galego dos inícios do século XXI. Já antes do “Limiar” umha dedicatória dupla nos dá a chave deste livro (p.7): “A Lola” e “À maioria dos picarinhos do mundo, esses que já ao nascer tenhem por companheiros: a fame, a miséria, e a morte”.

Diga-se, para os nom avisados, que estamos perante o quarto título

de poesia de Corral Iglésias, todos editados nos doze últimos anos: *Del amor y la memoria* (Venezuela, 1993, 123 páginas; com reedição na Catalunha), *Palavra e memória* (1997, 156 páginas, com posterior edição em catalám), *Acarom da brêtema* (1999, 91 páginas) e este *Detrás da palavra* (2004, 89 páginas), os três últimos publicados sob a chancela da AGAL. Nos quatro é de salientar importante coerência temática, exprimida de modos bem diferenciados, com a solidariedade e o amor como assuntos centrais, sempre com a pessoa em primeiro plano e com sentido testemunhal.

Tem Corral Iglésias (A Corunha, 1946) umha intensa biografia. Próximo da casa dos 60 anos, partilhou as realidades da Venezuela, o Chile, a Argentina, Suíça ou Catalunha; para além da Galiza natal, onde desenvolveu importante labor no campo cultural, com dous instantes que vale a pena frisar: a sua relação de privilégio com o âmbito da associação cultural corunhesa O Facho antes da sua partida para o exterior; e colocando-se decididamente na linha do Galego-Português ao retornar para se inserir activamente como ensinante nos últimos tempos. Mas também estamos perante alguém que mergulhou em múltiplas manifestações da poesia e as suas técnicas: dos trovadores ou da tradição de povos indígenas, até os produtores coevos do campo literário galego; e assim o demonstra com referências nas epígrafes dos seus textos e com outros apelos com os que surpreende a leitura do seu trabalho; muitos deles tirados de produtores de agora que porventura nunca

a ele o citarám, nem o lerám. Embora na formaçom deste poeta ocupem também lugar leituras como a Comuna de París, e produtores árabes, da Europa do Leste, orientais, ou Fernando Pessoa e outros ibéricos, entre outros, que demonstram interesses muito amplos, e que se refletem na sua produçom.

No “Prólogo” de *Acarom da brétema*, escreveu Rafa Villar, outro dos nomes da poesia galega desta altura: “Durante a década passada —e repete-se ciclicamente em todo o mundo— a poesia *única* de Galiza, a realmente existente (quer dizer, a que se editava, se promovia, se premiava e se aplaudia sem recato), considerava crime de lesa modernidade escrever poemas que fossem motivados polo compromisso social e político do poeta”. Corral Iglésias situa-se nos antípodas dessa moda. Porque o que oferece nas suas propostas poéticas é antes de mais compromisso, empatia para com os perdedores, os silenciados, os censurados, aqueles que nom temem visibilidade social por ocultados propositadamente. Mas com confiança última no ser humano, da qual é prova a atençom ao amor. É umha poesia de diálogo, polifónica mesmo, que reclama o seu lugar num campo literário como o galego, onde se procura antes de mais o sucesso comercial, campo que assume como “marca de qualidade” o imposto polos poderosos desde o exterior; em que a imitaçom ocupa lugar preferente e ainda se crê na “genialidade”, nos “essencialismos”, nos “estilos origi-

nais” de “universos” particulares, anestésiantes e reprodutores, antes que na literatura como elemento social que ajude a construir, a transformar e a comunicar.

Isto leva a repensar o papel da poesia com perspectiva de hoje, porque nom sempre foi o mesmo, apesar da tendência a generalizar que se observa por vezes entre a crítica. Assim, ao revisitar como foi valorizada no século XX segundo a consideraçom dos próprios poetas, o ensaísta brasileiro Cristovão Tezza, em estudo de recente publicaçom⁽¹⁾, inclui depoimentos a tomar aqui em conta: o de Mário de Andrade, para quem “Poesia é uma arte, quero dizer, é uma construção humana, um fruto da vontade humana, uma criação *dependente*. Ao passo que o lirismo independe de nós”; este de Octávio Paz: “Como a poesia não é algo que possa ingressar no intercâmbio de bens mercantis, não é realmente um valor. E se não é um valor, não tem existência real dentro do nosso mundo”; ou ainda, na esteira do defendido por Bakhtin, estoutro: “O poeta não pode contrapor a sua própria consciência poética, suas próprias intenções, à linguagem que ele usa”. Corral conhece bem as técnicas da poesia (mesmo o demonstra: veja-se, v. gr., o uso do refrâm no poema da p. 61 deste volume). Mas reivindica outra funcionalidade, diferente da centralidade que se lhe tem dado nas décadas finais do século XX, e ainda se lhe dá, no campo literário galego. Parte de que o

(1) Tezza, Cristovão, *Entre a prosa e a poesia: Bakhtin e o formalismo russo*, Rio de Janeiro, Editora Rocco, 2003. As citaçom que se indicam encontram-se nas páginas 62, 71 e 271, respectivamente.

homem enfrenta problemas semelhantes em toda a parte: na pequena vila de Corcubiom (p. 43) ou na grande capital venezuelana Caracas (p. 52), que dá título a dois dos poemas deste volume; em Washington e em Buenos Aires (p. 54), na Grande Avenida (p. 60), ou em Fisterra, Ancares e Maceda (p.61). Encontramos um poema (p. 66) “Na lembrança dos meus amigos torturados e desaparecidos pela civilização cristiana ocidental” ou outro intitulado (p. 68) “10 de Março”, em homenagem de data tam significativa para o movimento operário galego, que lembra os mortos em Ferrol, num confronto durante o franquismo.

Ao ler Corral Iglésias, conhecemos alguém que se define e autopresenta (p. 77):

*mas já som o moucho desarraigado
que sempre fica só nas desvalidas palabras
para logo me perder entre os pupitres velhos
das velhas aulas.*

Ou que confessa (p. 84)

*Sempre
rio
para que ninguém saiba
da minha soidade.*

No roteiro que se marca este produtor resulta igualmente um acerto o bom uso da língua. *Detrás da palabra* leva um “Limiar” de Sérgio Iglésias; como o poemário de estreia de Corral tinha “Prólogo” de Armando Hernández Quintero —produtor canario muito apreciado por ele e muito presente na sua poesia—, ou o primeiro título editado pola Associação Galega da Língua levava um posfácio de A. Gil Hernández; textos todos

eles importantes, como o antes assinalado de Rafa Villar, que supõem um diálogo e o anelo de integração deste produtor, por mais que deva lutar por ultrapassar os entraves que imponhem as forças dominantes do campo literario galego desde as suas posições de privilégio, que tentam condenar ao silêncio os opositores; mesmo a alguém como José Alberte Corral Iglésias (quem na Galiza publicou também um volume de narrativa, e mais recente um texto prefacial a um livro sobre Gramsci, entre outras produções suas a ter em conta) que tanto grita para fazer-se ouvir com umha poesia em que transparece madureza, coerência e vontade positiva.

Joel R. Gómez

*(Grupo Galabra-USC)
Milhadoiro, Maio de 2004*